

Lutero: santo ou demônio?*

Giovanni Giavini**

Em 2017, será celebrado o quinto centenário do início da Reforma luterana, sendo 1517 o ano da publicação em Wittenberg das famosas 95 teses dedicadas por Lutero especialmente à crítica da pregação sobre as indulgências na sua Alemanha. Foi como um fósforo em um barril de pólvora. No início, Lutero não quis criar outra Igreja, mas apenas reformar evangelicamente a Igreja do seu tempo; assim como não quis eliminar o papado, nem a hierarquia eclesiástica ou imperial: ele pretendia apenas, precisamente, reformar. E certamente tinha muitas razões para isso, mais ou menos conhecidas por qualquer história séria da Igreja. A sua reforma tem motivos históricos muito concretos (incluindo o peso enorme dos impostos eclesiásticos, sobretudo sobre as Igrejas alemãs e sobre os príncipes católicos, até porque estava sendo construída a nova Basílica de São Pedro em Roma).

Mas a reforma se baseia, principalmente, em motivos religiosos de fé. Estes também não eram uma novidade, tendo já havido, nos séculos anteriores, católicos de diferentes níveis, bastante críticos sobre a vida de eclesiásticos e sobre a fé bastante superficial de religiosos e de leigos: a Lutero (talvez exagerando) parecia que toda a religião cristã tinha muito pouco de... cristão, que dependia muito pouco de uma fé profunda em Jesus Cristo; parecia-lhe que tudo ou quase tudo dependia de palavras e obras humanas, consideradas por si mesmas meritórias: ofertas em dinheiro (especialmente para lucrar fáceis indulgências), penitências exteriores, devoções a Nossa Senhora e relíquias, procissões e festas, peregrinações, acúmulo de missas, obediências a superiores e a votos expressos como por escravos a estruturas jurídicas etc. Em suma: sou eu quem me salvo, ou é Jesus o meu salvador? São as minhas obras que importam, ou é a fé na obra de Deus realizada em Cristo morto e ressuscitado? Essa é a pergunta de Lutero, dentre outras coisas, obcecado pelo medo do inferno, também para ele, pecador.

Obras humanas ou obra de Deus?

Lutero, cada vez mais decisiva e polemicamente (a polêmica vale, mas ofusca as ideias), desloca a ênfase da sua vida de severo religioso

* Do site Humanitas, da Unisinos, 10-08-2016. Publicado inicialmente por *Settimana News*, 07-08-2016. Tradução de Moisés Sbardelotto.

** Bibliista. Ex-capelão de Sua Santidade, durante o pontificado de João Paulo II.





agostiniano e da sua pregação oral e escrita, dirigida à hierarquia eclesiástica, aos príncipes e ao povo, das obras humanas à obra da graça de Deus em Cristo, que só a fé me abre: apenas esta basta para a minha “justificação” diante de Deus, ou seja, para poder me colocar diante d’Ele como “justo embora pecador”. Lutero afirma isso especialmente com base no seu Santo Agostinho (o doutor da Graça!) e no estudo de São Paulo, em particular da carta aos Romanos, à qual dedica anos de pesquisa apaixonada e de ensino.

Obviamente, essa sua ênfase na Graça e na fé justificante imediatamente levanta a questão: e as obras humanas não importam em nada? Posso, portanto, agir como eu quiser e como me agradar, sem qualquer preocupação moral e sem qualquer atenção a leis eclesiásticas ou civis (incluindo aquelas sobre os impostos!), a autoridades externas à minha fé? Não é por nada que os camponeses alemães também elogiaram Lutero, que, porém, depois, os desapontaria amargamente.

O problema fé-obras é imediatamente sentido em todos os níveis e continuará angustiando os próprios protestantes por muito tempo, mas, obviamente, acima de tudo, os católicos. Ou, melhor, de fato, parece que foi sobretudo essa discussão sobre a obediência a leis e a hierarquias que provocou a excomunhão de Lutero, ocorrida em 1520 por parte do Papa Leão X, embora depois de tentativas de diálogo. O problema, além de contingente e econômico, era e é realmente crucial, e o próprio Lutero sabia disso.

Qual é, então, o seu verdadeiro pensamento a respeito? Escutemos uma página dele, escrita em 1522, na introdução ao seu comentário à carta de São Paulo aos Romanos. É uma página nada fácil, mas merece atenção pela sua substância, uma vez aproximada com liberdade de espírito. Transcrevo-a quase toda, tomando-a de V. Vinay, *Scritti religiosi di Lutero* (Turim: Utet, 1967, pag. 520).

Fé e justiça diante de Deus

Fé não é aquela humana ilusão e aquele sonho que alguns pensam que é a fé [...] A fé, em vez disso, é uma obra divina em nós, que nos transforma e nos faz nascer de novo por Deus. Ela mata o velho Adão, transforma a nós, homens, completamente, no coração, na alma, no sentimento e em todas as energias e traz consigo o Espírito Santo. Oh, a fé é coisa viva, ativa, operante, potente, razão pela qual é impossível que o bem não opere continuamente [...] Fé é uma confiança viva e audaz na graça de Deus, tão certa desta que morreria mil vezes em vez de duvidar dela. E tal confiança e conhecimento da Graça divina nos torna felizes, corajosos e alegres diante de Deus e de todas as criaturas por obra do Espírito Santo na fé.



Por isso, o homem se torna disposto, sem restrição, e alegre em fazer o bem a todos, em servir a todos, em suportar todas as coisas, no amor e no louvor a Deus que manifestou nele tal Graça. Portanto, é impossível separar as obras da fé, assim como é impossível separar calor e esplendor do fogo. Por isso, guarda-te dos teus falsos pensamentos e das conversas vãs que querem ser inteligentes e fazer julgamentos sobre a fé e sobre as boas obras, enquanto são sumamente tolos. Pede que Deus opere em ti a fé, ou, independentemente do que tu possas imaginar ou fazer, sempre permanecerás sem a fé.

Justiça (em relação a Deus) é apenas essa fé, e ela se chama justiça de Deus, ou seja, justiça que vale diante de Deus, porque Deus a dá e a coloca na conta da justiça por amor de Cristo, nosso mediador, e leva o homem a dar a cada um o que lhe deve. Mediante a fé, o homem é purificado do pecado e encontra prazer nos mandamentos de Deus. Desse modo, ele dá glória a Deus e lhe dá o que Lhe deve. Ele serve de bom grado aos homens naquilo que pode e, assim, dá a cada um o que lhe deve.

Natureza, livre vontade e as nossas forças não podem implementar essa justiça [...] Por isso, é hipocrisia e pecado tudo o que ocorre fora da fé ou na incredulidade, por mais esplêndido que se queira [talvez como a Basílica de São Pedro em construção].

Esplendores e limites

Várias vezes me aconteceu de ler essa página, sem dizer o seu autor, até mesmo para grupos de padres. A reação: “Uma página belíssima! Deve ter sido o papa que a escreveu!”. Surpresa e incredulidade, depois de conhecer o seu autor. Efetivamente, é uma página muito bonita, fruto de uma grande fé em Cristo e no seu Deus, aberta a uma imensa esperança também para camponeses e pobres pecadores de todas as categorias, clara sobre a conexão quase imediata entre fé e boas obras. Estas são vistas não como méritos, mas apenas como fruto da fé.

De qual fé? Não a da Igreja (embora Lutero nunca tenha querido excluí-la), mas apenas ou quase a “minha”. Para ele, essa é determinante, e basta, sem qualquer necessidade de autoridades diversas para me ensinar o Credo e a moral.

É sacrossanto o destaque posto sobre a fé pessoal. Porém – e provavelmente esse é o erro mais grave de Lutero – tudo ou quase tudo acaba fechado no individualismo, um individualismo ainda crente e cristão, mas não católico-romano (talvez seja significativo que, na página lida acima, não se faça referência a hierarquias); mas, depois, esse individualismo desembocará no individualismo cartesiano do “penso,



raciocino (não mais creio), logo sou” e no individualismo moderno do “na minha opinião, a verdade e a justiça são...”.

Junto com esse individualismo, entrevê-se naquela página o pessimismo luterano (embora corrigido em outras páginas): eu, sozinho, não posso fazer nada de bom ou, melhor, sou sempre e para sempre um pecador destinado à perdição. A única alavanca de justificação e de salvação é a Graça de Deus e a fé em Cristo. Na verdade, Lutero reconhece que cada um, embora imbuído de pecado, pode, ao menos, “pedir que Deus opere nele a fé”, e portanto, depois e sem qualquer mérito verdadeiro, pode saber “dar a cada um o que lhe deve”. É sabido que o catolicismo enfatizava e enfatiza ainda a importância, ao lado e depois da Graça, da liberdade humana, até uma excessiva ênfase nos “méritos” pessoais (embora o Concílio de Trento já negasse a existência de verdadeiros méritos).

Das lutas ao diálogo

Infelizmente – e apesar das tentativas de diálogo –, até no Concílio de Trento (1538-1563), por quase cinco séculos, ninguém se entendia e se combatia até mesmo sangrentamente (cf. a guerra dos 30 anos na Alemanha, 1608-1648). Lutero também foi caluniado por católicos e incompreendido por muitos protestantes ou, melhor, até mesmo bastante rejeitado por eles. Apenas há cerca de um século é que Lutero foi reavaliado (talvez mais entre nós do que entre eles) e mais compreendido. Mesmo com os seus limites, erros e pecados, Lutero (falecido em 1546) também aparece como um forte crente em Cristo, ainda ligado ao Credo tradicional de todas as Igrejas. Dentre outras coisas, Lutero acredita na presença “real e também misteriosa” de Cristo na Eucaristia e tem um admirável comentário ao *Magnificat* de Maria.

Um dos mais visíveis sinais desse novo clima é a surpreendente *Declaração Conjunta sobre a Justificação*, assinada em 1999 por duas comissões oficiais, uma pontifícia e a outra de pastores e teólogos protestantes: católicos e luteranos, substancialmente, estão de acordo sobre aquele tema crucial! Outro sinal será o discurso do Papa Francisco na Suécia, para a inauguração oficial do quinto centenário do início da Reforma Luterana. Seria bom se, recuperando também os valores fundamentais de Lutero, todos juntos conseguíssemos fazer redescobrir em todas as Igrejas e na humanidade inteira a luz esplêndida da pessoa e da mensagem de Jesus. Não precisamos disso? O resto, ou seja, outros aspectos mais ou menos importantes do diálogo católico-luterano, podem esperar por um futuro próximo. Por enquanto, o essencial.



Formas de participar da Comemoração Conjunta da Reforma*

*Martin Junge***

O secretário-geral da FLM, Martin Junge, compartilha detalhes sobre os preparativos para os eventos de Lund e Malmö. “Do Conflito à Comunhão – Juntos na Esperança” é o tema da Comemoração Conjunta Ecumênica, que será realizada em Lund e em Malmö, na Suécia, no dia 31 de outubro. O evento aproxima luteranos e católicos de todo o mundo para juntamente celebrar a Reforma e olhar para o futuro. O Dr. Munib A. Younan (bispo presidente da Federação Luterana Mundial – FLM), o Rev. Dr Martin Junge (o secretário-geral da FLM) e o Papa Francisco irão realizar em conjunto este evento mundial.

Eis a entrevista.

Os preparativos para a Comemoração Conjunta estão bem encaminhados e há um grande interesse pelo evento. O que o senhor pode dizer às pessoas que estão se perguntando, neste momento, sobre como podem participar e acompanhar no dia da comemoração?

Este evento comemorativo vai ter duas partes principais. No início da tarde de 31 de outubro, uma oração comum acontecerá na Catedral de Lund. A liturgia estará baseada no relatório “Do Conflito à Comunhão” e em sua “Oração Conjunta”, que foram desenvolvidos em parceria por católicos e luteranos. Ao mesmo tempo, haverá um evento na Arena de Malmö. Os que estiverem aqui vão poder acompanhar via transmissão ao vivo a oração comum na catedral. Após a oração comum, os anfitriões irão se dirigir para a Arena e juntar-se-ão às pessoas reunidas no local para testemunhar atividades que mostram o compromisso com o testemunho e o serviço comuns de católicos e luteranos no mundo. Serão exibidos destaques do trabalho conjunto do Serviço Mundial da FLM e da Caritas Internationalis, incluindo o acompanhamento a refugiados, a construção da paz e a defesa da justiça climática.

* Do site Humanitas, da Unisinos, 10-08-2016. Publicado inicialmente pela Federação Luterana Mundial. Tradução de Isaque Gomes Correa.

** Secretário Geral da Federação Luterana Mundial.



A presença na Catedral de Lund se dará via convite; mas na Arena Malmö poderão participar até 10 mil pessoas. Será necessária inscrição e apenas os inscritos com entradas vão poder adentrar o local.

E quanto aos que não podem vir a Malmö?

A celebração na Catedral de Lund será transmitida pela televisão na Suécia e estará disponível para canais de TV ao redor do mundo. Ela também será transmitida ao vivo via internet para que mais pessoas e comunidades possam acompanhar a liturgia. Atualmente estamos explorando a possibilidade para que o evento na Arena de Malmö seja transmitido ao vivo também. Fotos e vídeos estarão sendo postados online durante todo o dia. Isso significa que muitas pessoas poderão participar, seguir o evento e mesmo compartilhá-lo com outras.

O senhor vê outras formas de as comunidades locais juntarem-se e participar da comemoração?

Quero encorajar as comunidades e congregações a acompanharem a transmissão ao vivo de forma conjunta. Idealmente, isto incluiria ver juntas as paróquias luteranas e católicas onde for o caso. Além disso, encorajo orações luterano-católicas comuns nos níveis locais e nacionais, e também o emprego e/ou adaptação da liturgia mencionada acima para as orações conjuntas. Tais celebrações podem ser realizadas no – ou perto do – dia 31 de outubro de 2016.

O que o senhor considera como o principal significado deste evento?

Este ano, o aniversário centenário convida a uma incisiva ênfase sobre a responsabilidade ecumênica – isto é, trazer intencionalmente os desdobramentos ecumênicos ocorridos via diálogos e cooperação para dentro da comemoração. Sou grato pelo apoio que a FLM tem recebido de seus parceiros bilaterais de diálogo para viver de acordo com esse chamado oportuno. A comemoração luterano-católica conjunta do aniversário da Reforma oferece uma bela oportunidade para expressar este chamado e para a esperança comum que todos temos em Cristo. Num mundo onde há falhas de comunicação, esta Comemoração Conjunta conta a história do valor do diálogo. Num mundo ferido pela violência e pelas guerras, ela conta a história do conflito que pode ser deixado para trás. Num mundo frequentemente confuso sobre o papel da fé e da religião, a Comemoração Conjunta conta a história do poder transformador e da beleza do nosso credo compartilhado, que nos leva ao serviço compassivo e ao testemunho alegre.